



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA INGLESA

LUAN VÍTOR FERREIRA DE SOUZA

**O SONHO AMERICANO E A REIFICAÇÃO EM *A MORTE DE UM CAIXEIRO-
VIAJANTE*, DE ARTHUR MILLER**

Cajazeiras – PB

2022

LUAN VÍTOR FERREIRA DE SOUZA

O SONHO AMERICANO E A REIFICAÇÃO EM *A MORTE DE UM CAIXEIRO-VIAJANTE*, DE ARTHUR MILLER

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras – Língua Inglesa, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Inglesa.

Área de concentração: Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa.

Cajazeiras – PB

2022

Dados de catalogação

S729s Souza, Luan Vitor Ferreira de.
O sonho americano e a reificação em A morte de um caixeiro-viajante,
de Arthur Miller / Luan Vitor Ferreira de Souza. - Cajazeiras, 2022.
42f.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa.
Monografia (Licenciatura Plena em Letras - Língua Inglesa) -
UFCG/CFP, 2022.

1. Crítica literária marxista. 2. Arthur Miller. 3. Sonho americano. 4.
Reificação. 5. Literatura norte-americana. 6. Capitalismo. I. Souza, Elri
Bandeira de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de
Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 82.0

**O SONHO AMERICANO E A REIFICAÇÃO EM A MORTE DE UM CAIXEIRO-
VIAJANTE, DE ARTHUR MILLER**

LUAN VÍTOR FERREIRA DE SOUZA

Integrantes da Banca

Elri Bandeira de Sousa

Orientador(a): Elri Bandeira de Sousa

Instituição/ Órgão: UAL-CFP-UFCG

Dorgival Gonçalves Fernandes

Examinador(a) 1: Dorgival Gonçalves Fernandes

Instituição/ Órgão UAE-CFP-UFCG

Marcílio Garcia de Queiroga

Examinador(a) 2: Marcílio Garcia de Queiroga

Instituição/ Órgão UAL-CFP-UFCG

Suplente: Francisco Francimar De Sousa Alves

Instituição/ Órgão UAL-CFP-UFCG

Cajazeiras – PB

2022

Dedico a Davi.

AGRADECIMENTOS

Não poderia deixar de começar agradecendo à minha mãe, Ivonete Ferreira de Oliveira, que sempre fez o papel de mãe e pai e cuja força me inspira a viver.

Gostaria de agradecer ao meu homem, Davi Jefferson Araújo da Silva, que sempre me estimulou a focar nos estudos e não me deixou abandonar a faculdade em momentos de angústia. Sem ele, talvez, eu não tivesse chegado até aqui.

Gostaria de agradecer ao meu grande orientador, Elri Bandeira de Sousa, que desde a nossa primeira conversa sobre a orientação deste trabalho de conclusão de curso acolheu as minhas ideias e fez tudo o que estava ao seu alcance para que a minha pesquisa se tornasse realidade.

E, por fim, mas não menos importante, gostaria de agradecer a todos excelentíssimos professores que compõem o Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, *campus* Cajazeiras-PB, que dedicam as suas vidas para criar um ambiente tão propício à educação.

Quanto menos comes, bebes, compras livros e vais ao teatro, pensas, amas, teorizas, cantas, sofres, praticas esporte, etc., mais economizas e mais cresce o teu capital. És menos, mas tens mais. Assim todas as paixões e atividades são tragadas pela cobiça

Karl Marx

RESUMO

O presente trabalho empreende uma análise da peça *A morte de um caixeiro-viajante*, lançada em 1949, pelo dramaturgo norte-americano Arthur Miller (1915-2005). A obra retrata os malefícios do discurso utópico do sonho americano vividos por Willy e sua família, os quais são, em todo o decorrer da trama, reféns das amarras de uma sociedade capitalista que lhes impõe a necessidade de ascensão social por meio do acúmulo de riquezas. O objetivo deste trabalho é analisar os dramas socioeconômicos e culturais presentes na obra, em especial o processo de reificação e o *êthos* do sonho americano, por meio da crítica literária marxista. Para atingir esse objetivo geral, elencamos como objetivos específicos: descrever o conceito de reificação; discutir o consumismo, o desejo e a construção do *êthos* do sonho americano. Sendo assim, faremos uso das contribuições dos filósofos Marx (2010; 2013) e Marx e Engels (1979; 1998), dos teóricos marxistas Eagleton (1997; 2011), Lukács (2003) e outros autores que seguem a mesma linha investigativa, tais como Chomsky, no documentário *Requiem for the american dream*, lançado em 2016, e Carvalho (2015). Os resultados obtidos nesta pesquisa apontam que o conceito de sonho americano não pode ser experienciado por todos e que a lógica capitalista é problemática para a maior parte da sociedade, especialmente para as classes baixas e médias, como expõe a peça de Arthur Miller. Ademais, também pudemos observar e analisar, na obra, o processo de reificação, na medida em que a relação desenvolvida entre o protagonista, Willy, e o seu patrão, Haword, baseia-se em resultados e lucros, o que aliena Willy e o reduz a uma condição semelhante à de objetos enquanto mercadorias.

PALAVRAS-CHAVE: Crítica literária marxista. Arthur Miller. Sonho americano. Reificação. Literatura norte-americana.

ABSTRACT

This academic work undertakes an analysis of the play *Death of a Salesman*, released in 1949, by the American playwright Arthur Miller (1915-2005). The play portrays the damage of the utopian discourse of the American dream lived by Willy and his family, who are, throughout all plot, hosts of the shackles of a capitalist society that imposes on them the need for social ascension through the accumulation of richness. The objective of this work is to analyze the socioeconomic and cultural dramas present in the play, in particular the process of reification and the *êthos* of the American dream, through marxist literary criticism. To achieve this general objective, we list the following specific objectives: describe the concept of reification; discuss consumerism, desire and the construction of the *êthos* of the american dream. For this, we will use contributions of the philosophers Marx (2010; 2013) and Marx and Engels (1979; 1998), and also the Marxist theorists Eagleton (1997; 2011), Lukács (2003) and other authors who follow the same investigative line, such as Chomsky, in the documentary *Requiem for the american dream*, released in 2016, and Carvalho (2015). The results achieved in this research indicate that the concept of the American dream cannot be experienced for all and that capitalist logic is problematic for most of society, especially for the lower and middle classes, as Arthur Miller's play exposes. In addition, we were also able to observe and analyze, in the play, the reification process, to the extent that the relationship developed between the protagonist, Willy, and his boss, Haword, it is based on results and profits, which alienates Willy and reduces him to a condition similar to that of objects as commodities.

KEYWORDS: Marxist literary criticism. Arthur Miller. American dream. Reification. North-American literature.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 REIFICAÇÃO, ALIENAÇÃO E FETICHISMO DE MERCADORIA	13
3. SONHO AMERICANO: CONSUMISMO E DESEJO	20
3.1 SONHO AMERICANO: A CRIAÇÃO DE UM ÊTHOS NACIONAL.....	20
3.2 SONHO AMERICANO: A DESIGUALDADE SOCIAL E O CONSUMISMO	22
4 DA POSSIBILIDADE UTÓPICA AO FRACASSO PRESENTES EM <i>A MORTE DE UM CAIXEIRO-VIAJANTE</i>, DE ARTHUR MILLER	26
4.1 ARTHUR MILLER: VIDA E OBRA	26
4.2 ANÁLISE DE <i>A MORTE DE UM CAIXEIRO-VIAJANTE</i> , DE ARTHUR MILLER.....	28
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho traz uma análise dos temas socioeconômicos e culturais explícitos na obra *A morte de um caixeiro-viajante*¹ (1998; 2009), do autor norte-americano Arthur Miller (1915-2005). A peça conta a história de Willy e de seu núcleo familiar, uma típica família norte-americana moldada pelo *êthos* do *American Dream*. Willy, o protagonista da peça, passa por frequentes crises financeiras, o que afeta completamente não só o seu emocional como o emocional de toda a sua família. Ele vive a crença de que, se trabalhar bastante, conseguirá realizar os seus sonhos e as suas ambições cedo ou tarde. Tal mentalidade acaba custando caro para ele e para todos em sua volta, visto que, embora se dedique, trabalhe duro, nunca é o suficiente para atingir as suas aspirações. Frustrado, projeta em seus filhos suas intenções de subir na vida, o que não gera retorno. Vemos, então, um lar desestruturado por causa das incertezas econômicas, as quais engendram pressões e tensões entre os membros da família.

Tendo isso em vista, as perguntas que encabeçam esta pesquisa acadêmica são as seguintes: como se apresenta a fantasia do sonho americano na peça? Esse ideal é alcançado pelos personagens da peça? Dado que as relações no sistema capitalista, donde emerge o fenômeno do sonho americano, são pautadas por trocas materiais, reduzindo o lado humano ao processo de coisificação, é possível encontrar relações de reificação presente na obra *A morte de um caixeiro-viajante*, de Arthur Miller?

Para responder a essas perguntas, partimos da hipótese de que o sonho americano não é experienciado pelo Willy, o protagonista, nem por sua família, uma vez que esse ideal se mostra como uma construção ideológica da classe dominante, representada na peça por Haword, o patrão de Willy, para manter a classe operária sempre alienada, na crença do utópico discurso de que com o trabalho duro é possível alcançar os mais altos níveis da escala social. O que não se comprova na peça. Além disso, pressupomos que a reificação está presente na obra, uma vez que as relações entre os personagens estão preponderantemente pautadas pela lógica capitalista. Isto é, as relações humanas perdem em termos afetivos e passam a ser encaradas como constituídas por trocas de valores materiais.

Nesse sentido, o objetivo geral deste trabalho é analisar os dramas socioeconômicos e culturais, em especial o processo de reificação e o *êthos* do sonho americano, presentes na

¹ No original, em inglês, *Death of a Salesman*. Peça representada pela primeira vez em 1949.

obra *A morte de um caixeiro-viajante*, de Arthur Miller (1998; 2009), por meio da crítica literária marxista. Para atingir esse objetivo geral, elencamos como objetivos específicos: descrever o conceito de reificação; discutir o consumismo, o desejo e a construção do *êthos* do sonho americano.

Para tanto, fundamentamo-nos em autores como Carvalho (2015), Eagleton (1997; 2011), Marx (2010; 2013), Marx e Engels (1979; 1998), Lukács (2003) e Chomsky (2015) que têm como principal característica em comum tratar dos malefícios do sistema capitalista, entre outros. Para o pensamento marxista, a sociedade capitalista se baseia em uma superestrutura e em uma base. Na primeira, encontram-se a ideologia, as crenças, as artes, etc. de toda uma sociedade; enquanto, na segunda, dominam as relações de produção entre as classes. Nesse sistema, o que prevalece é sempre a ideologia da classe dominante – detentora dos meios de produção – sobre a classe trabalhadora – fornecedora da força de trabalho, único bem que lhe resta. Nessa perspectiva, pelo menos parte da crítica literária marxista assume que as produções literárias (arte) são reflexos dessas relações, de modo que representam as visões de mundo de uma sociedade em determinado tempo e espaço.

No tocante à metodologia, trata-se de uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa e aplicada (PRODANOV; FREITAS, 2013). O *corpus* é constituído pela peça *A morte de um caixeiro-viajante* (1998; 2009), do dramaturgo norte-americano Arthur Miller. Utilizamos uma versão em inglês (1998), idioma de origem da peça, para a análise e outra versão traduzida para o português (2009) para consultas sobre a vida e a obra de Miller. As nossas categorias de análise são: reificação; alienação; sonho americano; fetichismo da mercadoria e consumismo, conceitos vindos do pensamento marxista e da crítica literária marxista. Para melhor desenvolver as discussões, fazemos uso de trechos da obra a fim de exemplificar as categorias de análise propostas.

Este trabalho justifica-se, sobretudo, por causa da importância da obra ora em análise, uma vez que ela permite o desenvolvimento de debates acerca da crítica ao capitalismo, particularmente as condições de reificação a que os indivíduos se submetem nesse sistema econômico-social. Nesse sentido, também contribui metodologicamente quanto à abordagem de textos literários que tratam dessas questões, na medida em que consolida caminhos para uma crítica literária marxista.

O trabalho divide-se em cinco capítulos: no primeiro, há uma breve Introdução do que vai ser desenvolvido ao longo do TCC. No segundo, apresentamos, brevemente, a crítica literária marxista, discutimos os conceitos de reificação, alienação e fetichismo da mercadoria e como eles estão presentes no modelo socioeconômico capitalista. No terceiro, há dois

subtópicos: no primeiro, veremos como surgiu o conceito de *American Dream* nos Estados Unidos e sua importância para moldar toda a mentalidade de uma sociedade; no segundo, abordaremos conceitos básicos do capitalismo e como ocorrem os fenômenos da desigualdade social, da alienação e do consumismo. Assim, analisaremos como isso pode ser prejudicial para as classes que formam a base da pirâmide social. Adiante, no quarto capítulo, também dividido em dois subtópicos, elaboramos, no primeiro, um panorama geral da vida e da obra de Arthur Miller, e, no segundo, analisaremos a obra numa perspectiva crítica a respeito dos temas já mencionados, com apoio nos conceitos apresentados e discutidos na fundamentação teórica. Por fim, nas Considerações Finais, faremos um posicionamento crítico acerca do que foi desenvolvido em todo o trabalho, seguido da apresentação das Referências que fundamentaram esta pesquisa.

2 REIFICAÇÃO, ALIENAÇÃO E FETICHISMO DE MERCADORIA

Para trabalharmos com a crítica literária marxista, precisamos entender que a literatura faz parte de uma relação que envolve uma base e uma superestrutura, conceitos que têm raízes em *A ideologia alemã*, de Marx e Engels (1998). A “base” ou “infraestrutura” tem a ver com as relações sociais inteiramente pautadas na produção e reprodução da vida material. Em outras palavras, no sistema capitalista o modo de produção econômica é baseado em um conjunto de relações sociais, em que a classe dominante é a dona dos meios de produção e a classe proletária vende a sua força de trabalho para a classe dominante, que tem sempre como objetivo obter lucros por meio da exploração da força de trabalho da classe proletária. Essa é a base ou infraestrutura. Em relação dialética com essa base econômica, temos a superestrutura, que pode ser descrita da seguinte maneira:

Em todas as épocas, surge uma “superestrutura” – certas formas jurídicas e políticas, um certo tipo de Estado, cuja função essencial é legitimar o poder de classe social que possui os meios de produção econômica. Mas a superestrutura contém mais do que isso: ela também consiste em certas “formas definidas de consciência social” (política, religiosa, ética, estética e assim por diante), que o marxismo designa como ideologia. [...] Em última análise, as ideias dominantes de uma sociedade são as ideias da sua classe dominante. (EAGLETON, 2011, p. 18).

Em outras palavras, a superestrutura é a “mentalidade social” de uma época, que sempre é condicionada pelo conjunto de ideias da classe dominante. As estruturas sociais, ou formas de consciência social, como religião, artes, literatura, ética etc., estão situadas nesse campo da superestrutura, o que resulta em hegemonia das ideias e interesses da classe dominante. Também é importante dizer que a arte, em particular, não é um reflexo passivo dessas relações. Marx, como observa Eagleton (2011), se propôs a refletir justamente sobre a arte na correlação entre a base e a superestrutura ao dizer que essa relação assume um caráter complexo e indireto, pois os feitos artísticos “não dependem do mais alto nível de desenvolvimento das forças produtivas – como exemplo dos gregos, que produziram grande arte em uma sociedade pouco desenvolvida economicamente” (EAGLETON, 2011, p. 26) ao mesmo tempo em que o conteúdo e a forma das “obras literárias não são misteriosamente inspiradas, nem explicáveis simplesmente em termos da psicologia dos autores. Elas são formas específicas de ver o mundo.” (EAGLETON, 2011, p. 26).

Ou seja, essa mentalidade social, esse conjunto de ideias da classe dominante, bem como as formas de consciência social e as formas específicas de ver o mundo são, em síntese,

as ideologias. O significado de ideologia pode variar de acordo com diferentes autores e suas abordagens. No livro *Ideologia* (1997, p. 193), Eagleton propõe uma discussão acerca desses diferentes significados e problematiza a questão, dizendo que:

O termo ideologia tem um amplo espectro de significados históricos, do sentido intratavelmente amplo de determinação social do pensamento até a idéia suspeitosamente limitada de disposição de falsas ideias no interesse direto de uma classe dominante. Com muita frequência, refere-se aos modos como os signos, significados e valores ajudam a reproduzir um poder social dominante, mas também pode denotar qualquer conjuntura significante entre discurso e interesses políticos. [...] Minha própria visão é de que ambos os sentidos do termo têm seus empregos, mas que não os desenredar deu origem a um bocado de confusão.

Nesse sentido, percebemos que o termo guarda algumas dificuldades, no entanto, partimos da definição que o próprio autor traz: a ideologia como certos efeitos discursivos concretos. Desse modo, “representa os pontos em que o poder tem impacto sobre certas enunciações e inscreve-se tacitamente dentro delas.” (EAGLETON, 1997, p. 194).

Como a literatura faz parte desse processo social que reflete a ideologia de uma classe dominante, entender os elementos que constituem o texto literário é entender em boa medida toda a conjuntura social da qual esse texto faz parte. É justamente para nos auxiliar nesse movimento de compreensão a respeito dos aspectos constituintes da obra literária que existe a crítica literária marxista, desenvolvida a partir das contribuições de Marx, em *O capital* (2013) e em outras de suas obras, que têm como característica de análise a utilização de conhecimentos políticos, históricos, sociais, filosóficos, econômicos entre outros para identificar a ideologia presente no texto literário. Diferentemente de outras linhas de análises literárias mais difundidas, que procuram discutir o enredo e a caracterização de uma obra literária, a crítica literária marxista se concentra em entender como a ideologia presente no texto atua sobre sua forma e como oferece uma visão sobre o contexto social, político e histórico de um determinado tempo e espaço.

Nesse sentido, fica clara a necessidade de consultar outras áreas do saber para utilizarmos da crítica literária marxista. Desse modo, nos parágrafos seguintes abordaremos o conceito de reificação, um dos objetivos específicos deste trabalho, desenvolvido pelo filósofo e historiador literário húngaro Lukács (2003), a fim de ressaltar a funcionalidade desse conceito para abordagem de textos literários, a exemplo de *A morte de um caixeiro-viajante*, de Arthur Miller. A palavra reificação² ou coisificação não constava como um termo de uso

² A palavra reificação vem do alemão *Verdinglichung*. O termo tem o sentido latino de *RES* (coisa), que poderia ser tomado, também, como coisificação.

teórico nas obras de Marx, mas a ideia do que um dia viria a se tornar a reificação já estava ali presente de maneira implícita. Foi só em *História e consciência de classe*, de 1923, que o estudioso marxista Lukács propôs o uso do termo de maneira epistemológica.

O conceito de reificação se caracteriza pela ideia de que a realidade social do mundo capitalista se dá via dominação dos valores de troca por meio da alienação do sujeito e do fetichismo da mercadoria. Esse raciocínio nasce no intuito de fazer uma análise social. Para Lukács (2003), a reificação assumia o posto de alienação, pois a coisificação é uma forma de alienação de uma sociedade mediada pelo fetichismo da mercadoria, ou seja, é uma dominação que as “coisas” (em sentido amplo) exercem sobre a sociedade.

Como propõe Marx (2010), em *Manuscritos econômico-filosóficos*, em determinado momento os poderes, os produtos e os processos humanos saem de controle dos indivíduos e passam ter uma existência completamente autônoma. Dessa forma, as pessoas, devido ao estranhamento frente a esse fenômeno, passam a se submeter aos próprios produtos de suas atividades, como se esses produtos exercessem sobre elas um poder supremo. Trazendo para um exemplo prático e objetivo, é como se as relações humanas, no sistema capitalista, perdessem o seu lado humano e as pessoas também virassem coisas, como quando alguém compra uma camisa e perde a noção de que aquela camisa é fruto de uma força de trabalho que não pode ser emancipada do ser humano. Ou, quando estamos conhecendo outras pessoas, começamos por nos apresentar pelo nome e logo em seguida fazemos questão de mencionar a nossa profissão, de maneira automática. Ou, então, pessoas que pautam as relações interpessoais com o seguinte discurso: “eu só namoro com tal pessoa se ela tiver carro, ou ganhar mais de um salário”. Para Lukács (2003, p. 201-202), esse comportamento se justifica da seguinte forma:

À medida que a racionalização e a mecanização se intensificam [...] com a moderna decomposição “psicológica” do processo de trabalho (sistema de Taylor), esta mecanização racional penetra até a “alma” do trabalhador: até as suas propriedades psicológicas são separadas do conjunto de sua personalidade e objectivadas em relação a esta para poderem ser integradas em sistemas racionais especiais e reduzidas ao conceito calculador.

Percebemos, então, que a maneira de como o trabalho é desenvolvido no sistema capitalista acaba por afetar o indivíduo em termos psicológicos, pois este é visto tanto pela classe dominante quanto por si próprio de forma racionalizada e mecanizada, perdendo o lado “humano”. É mais fortemente nesse sentido que o conceito de reificação pode ser entendido como uma alienação, porque se passamos a viver uma realidade onde os processos sociais não

são compreendidos como um resultado de projeto desenvolvido por humanos, estes passam a ser tidos como coisas materiais.

Podemos observar o conceito de reificação como alienação no próprio *Dicionário do pensamento marxista* (BOTTOMORE, 2001, p. 314):

[reificação] É o ato (ou estado do ato) de transformação das propriedades, relações e ações humanas em propriedades, relações e ações de coisas produzidas pelo homem, que se tornaram independentes (e que são imaginadas como originalmente independentes) do homem e governam sua vida. Significa igualmente a transformação dos seres humanos em seres semelhantes às coisas, que não se comportam de forma humana, mas de acordo com as leis do mundo das coisas. A reificação é um caso “especial” de alienação, sua forma mais radical e generalizada, característica da moderna sociedade capitalista.

À vista dessa definição, podemos perceber, então, que a reificação não é só uma alienação, mas um caso “especial” de alienação, sua radicalização, pois a coisificação, que é a reificação, é uma espécie de consequência inseparável da lógica presente no sistema capitalista moderno. Logo, com a reificação presente no capitalismo, a alienação também estará presente, e vice e versa. Ambos os conceitos caminham juntos e complementam-se.

A sistematização do conceito de alienação, em seu sentido filosófico, surge com Hegel, em *Fenomenologia do espírito* (2003). De acordo com Jappe (2014), a discussão proposta pelo termo foi recebida com grande notoriedade pelos estudiosos marxistas, mas foi só depois da segunda guerra mundial que o termo começou a ganhar ascensão fora do meio marxista, mais precisamente nas décadas de 1960-1970. O conceito de alienação era utilizado para criticar o capitalismo, em um contexto pós-guerra. Assuntos como se a burguesia iria finalmente começar a “dividir o pão” e integrar o proletariado de forma efetiva na sociedade passaram a fazer parte das considerações dos pensadores e dos estudiosos não marxistas. Essa mudança na forma de pensar sobre o social marca uma grande passagem do “paradigma da exploração” para o “paradigma da alienação”.

Essa nova forma de crítica social nasceu da necessidade de jogar luz aos “novos problemas sociais” com a chegada de novos dados sociais, econômicos e políticos da década de 1960. Segundo Jappe (2014), as teorias desse tempo mostravam que temas como miséria operária e condições de trabalho já haviam sido superados e não correspondiam mais com a realidade empírica. Em contrapartida, a sociologia oficial e universitária dizia que o capitalismo, domesticado ao modo de uma economia democrática de mercado, construía uma realidade insuperável, que poderia vir a ser melhorada, mas não abolida, pois no modelo

econômico capitalista os indivíduos não podiam controlar suas condições de trabalho, ficando a mercê de uma classe dominante.

A definição do que é alienação, de fato, vai mudar de acordo com alguns autores. Trazemos nesta discussão algumas definições elencadas por Jappe (2014). Por exemplo, para os existencialistas e os teólogos, a alienação representava o mal-estar exercido na sociedade industrial pelo capitalismo, e o fato do sentir-se “estrangeiro” no mundo moderno. Já levando em consideração o sentido da palavra alienação, encontramos o sinônimo de “extrusão” (*Entäußerung*, como fala Hegel), que significa uma aversão pelo que é “estrangeiro/de fora”. Em alemão, *Entfremdung* (alienação) soa muito similar a *Überfremdung*, que significa “perder o seu caráter próprio por causa da presença maciça de estrangeiros”. Em contrapartida, temos o termo coisificação que se une à alienação, esta significando a exploração exercida no e pelo capitalismo, como já mencionado mais acima.

Além do conceito de alienação, outra ideia necessária para entendermos o processo de reificação é a relação que o ser humano tem com a mercadoria. Marx (2013) explica essa relação, em termos de condição dialética, como “fetichismo da mercadoria”. A mercadoria, ou o mercado, sempre esteve presente em tempos de sociedades não capitalistas. Logo, podemos afirmar que sua existência é atemporal, não se restringe ao sistema capitalista. Analisando a partir desse ponto de vista, podemos definir mercadoria da seguinte forma:

Todas as sociedades humanas têm de produzir suas próprias condições materiais de existência. A mercadoria é a forma que os produtos tomam quando essa produção é organizada por meio de troca. Nesse sistema, uma vez criados, os produtos são propriedade de agentes particulares que têm o poder de dispor deles transferindo-os a outros agentes. Os agentes que são donos de produtos diferentes confrontam-se num processo de barganha pelo qual trocam seus produtos. Nesse processo, uma quantidade definida de um produto troca de lugar com uma quantidade definida de outro. A mercadoria tem, portanto, duas características: pode satisfazer a alguma necessidade humana, isto é, tem aquilo que Adam Smith chamou de VALOR DE USO; e pode obter outras mercadorias em troca, poder de permutabilidade que Marx chamou de VALOR. (BOTTOMORE, 2001, p. 265-266).

Percebermos que mercadoria é uma “coisa”, à qual podemos atribuir valor de uso ou valor de permutabilidade de acordo com a necessidade social. Só que, quando esse conceito é aplicado em sociedades capitalistas, a mercadoria passa a assumir um papel místico e metafísico do que é o seu valor. Isso porque a transformação do capitalismo em um modo de vida constitui uma sociedade em que a relação entre as pessoas não aparece em primeiro plano, mas sim a relação entre coisas (reificação). Quando a relação entre pessoas e

mercadoria (coisas) ocorre no sistema capitalista, temos um “apagamento” de relações humanas (LUKÁCS, 2003).

Exemplo do que acabamos de dizer: quando vemos um comercial de presunto na TV, numa perspectiva generalizada, geralmente aparece uma família ao redor de uma mesa cheia de alimentos de origem animal, vivenciando bons momentos. Em alguns casos, até o símbolo da própria marca é um “animal feliz”. Só que, quando vamos analisar as relações humanas presentes no processo que torna aquele porco em um produto, percebemos que é necessário um trabalhador para cuidar daquele porco, outro para abater o animal, outro para manter a limpeza sanitária do ambiente, outro para processar o alimento, outro para embalar... E assim sucessivamente dentro dessa cadeia produtiva. No entanto, quando assistimos ao comercial em casa, não conseguimos enxergar essas relações necessárias à produção daquela mercadoria. Para alguns, a assimilação do processo que vai do abate animal até o produto final, embalado na prateleira do supermercado, simplesmente é ignorada, como se não existisse. Vemos aí, então, o apagamento desse processo produtivo e a exaltação da coisa pronta. É como se a mercadoria não resultasse de uma história, de um conjunto de relações, como se ela tivesse vida própria. Daí, poder ser vista de um modo que lembra um fetiche, um objeto mágico.

Para Marx (2013), em *O capital*, essa relação de trabalho x produto é normalizada pela classe trabalhadora, pois ela não se vê como dona do produto, apenas parte do processo (abate, processo de embalagem, etc.). Logo, se quem produziu a mercadoria quiser consumi-la só poderá fazer isso por meio do mercado. E quando vamos ver como o consumo é feito em diferentes classes sociais, percebemos que é mais difícil para classe trabalhadora realizar esse consumo, tendo em vista que o seu salário é apenas uma pequena parcela da mais-valia obtida pelo produto que foi confeccionado pela própria classe trabalhadora.

Desse modo, a ideia central do fetichismo da mercadoria é que as relações entre as pessoas vão sendo apagadas, e o que se instaura no lugar é uma mistificação de que são as mercadorias que estabelecem relações entre si. O próprio ato da compra passa a ser uma troca de mercadoria. Nesse sentido, uma das mercadorias pode ser entendida como “o dinheiro”, que foi fruto da exploração da força de trabalho da classe trabalhadora, que vai ser trocada por uma outra mercadoria (coisa). É essa relação de troca de mercadoria por mercadoria que rege as nossas vidas. Procedendo assim, o mercado assume o controle das relações, e em última análise, de nossas vidas.

Marx (2013), ao analisar o fetichismo da mercadoria no capítulo intitulado “O fetichismo da mercadoria: seu segredo”, defende a ideia de que existe uma dicotomia entre a

aparência e a realidade ocultada que nos leva até uma análise do conceito de ideologia. Marx (2013) afirma que a relação de troca de mercadorias no capitalismo constitui uma relação entre produtores e que essa relação liga o trabalho de um indivíduo com o trabalho de outros, porém não como relações sociais diretas entre pessoas em seu trabalho, mas sim como relações materiais entre pessoas e coisas. Nessa direção, pontuamos que o fetichismo da mercadoria é uma discussão que anda de mãos dadas com outros conceitos também aqui já explicitados, como alienação e reificação.

Atualmente, as discussões que envolvem o conceito de fetichismo da mercadoria assumem um caráter mais simplista, como “capitalismo espetacular” ou “consumismo”, pois esse termo (fetichismo) tem a intenção de denunciar a superficialidade pós-moderna de temas como: consumo, publicidade e a manipulação de desejos apenas por meio do aspecto do amor excessivo pelas mercadorias e pelos valores que elas representam (JAPPE, 2014). Por outro lado, a teoria dialética materialista desenvolvida por Marx e, posteriormente, as contribuições de estudiosos marxistas, como já vimos aqui, enxergam e desenvolvem essa relação de maneira mais profunda, articulando conceitos que vão além de simples desejos. Para esses estudiosos, há um sistema pensado a partir de uma base e superestrutura que definem como esses desejos são formados, qual a sua finalidade e como superá-los.

Mesmo tendo uma finalidade mais simples, as contribuições de definições como “capitalismo espetacular” ou “consumismo” são de extrema importância para levar o conhecimento de forma prática para a sociedade, mostrando-se bastante eficientes, pois em sua maior parte utilizam os discursos publicitários para fazer uma análise psicanalítica dos indivíduos, tocando na questão da formação e das crenças sociais. Inclusive, iremos tecer uma discussão mais aprofundada sobre isso no subtópico “3.2 Sonho americano: desigualdade social e o consumismo”, do capítulo seguinte.

Por fim, podemos concluir que a reificação é o processo de apagamento das relações interpessoais, dando espaço para uma relação entre coisas materiais. Para que isso ocorra os indivíduos que compõem a sociedade precisam estar alienados da venda da sua força de trabalho a ponto de não se reconhecerem como os donos daquilo que produziram. Além disso, o fetichismo da mercadoria aplicado se responsabiliza de manter os indivíduos ocupados com metas de consumo que são classificadas como troca de mercadoria por mercadoria. Sendo assim, os 3 conceitos de uso teórico – alienação, fetichismo da mercadoria e reificação – funcionam de maneira conjunta na finalidade de manter o capitalismo como um sistema econômico que se reproduz de forma eficiente.

3. O SONHO AMERICANO: CONSUMISMO E DESEJO

Neste capítulo, abordaremos como o sonho americano nasce nos Estados Unidos e como ele ganha força ao passar dos anos. Para isso, discorreremos um pouco acerca da história do país e da sua fundação, passando desde a sua colonização de povoamento até a Declaração da Independência, que tem como um de seus principais autores Thomas Jefferson, em 4 de julho de 1776. Ao fazer essa digressão histórica, vamos ter como foco um dos objetivos específicos deste trabalho que é evidenciar o revés do sonho americano, a fim de explicitar como o sonho americano está presente no mundo pós-moderno e os seus malefícios para a população daquele país e, mesmo, para aqueles cidadãos de outros países que apostam nessa fantasia.

3.1 O SONHO AMERICANO: A CRIAÇÃO DE UM ÊTHOS NACIONAL

Podemos afirmar, segundo Figueredo (2008, p. 8), que o conceito de ética vem do grego *êthos* e que, apesar de seu sentido conter significados diferentes a depender de seu contexto histórico, podemos associa-lo à “[...] disciplina filosófica que investiga os diversos sistemas de morais elaborados pelos homens [...] ou seja, as concepções sobre o ser humano e a existência que os sustenta.” Sendo assim, o conceito de ética assume um papel de extrema importância social, porque é a partir dele que surgem as ideias de valores que orientam toda uma comunidade. A ética de um sujeito, certamente, orienta-o, desde seus hábitos e comportamento até suas características individuais. Desse modo, o significado de ético permeia todas “[...] as disposições do homem na vida, seu caráter, seus costumes e, naturalmente, também a sua moral. Na realidade, poderia se traduzir como uma forma de vida no sentido preciso da palavra.” (FIGUEREDO, 2008, p. 3).

Tendo isso em vista, podemos caracterizar a ideologia por trás do *American Dream* como um *êthos* nacional, pois representa as concepções que sustentam toda uma nação. Essa ideologia se caracteriza, de acordo com Lima Reis (2001), na crença de que os EUA são a “terra da oportunidade” e todos ali podem ascender socialmente e financeiramente até seu ponto exponencial, visto que o país possui recursos para isso.

Ainda segundo Lima Reis (2001, p. 129):

o “sonho americano” consiste na crença de que os Estados Unidos são inerentemente a terra da oportunidade, o país em que qualquer um pode galgar posições sociais e até mesmo se tornar o presidente da nação; o lugar em que o sucesso é um direito a ser reivindicado por qualquer cidadão que seja bem relacionado e benquisto.

O sonho americano está presente nos Estados Unidos desde o seu período de colonização: “a América nasceu de uma crença na perfeição. Foi um novo começo para humanidade.” (BIGSBY, 2010, p. 178 *apud* POPPELAARS, 2015, p. 102). Grande parte dos imigrantes era da classe média trabalhadora que buscava terras para escapar da pobreza da Inglaterra, a outra parte eram os *Pilgrim Fathers* (patriarcas religiosos) que consistiam em protestantes puritanos em busca de liberdade religiosa. Então, dessa maneira, os primeiros pilares do sonho americano nasciam: as liberdades econômica e religiosa.

Além disso, a ideologia do sonho americano ganhou ramificações no Leste e no Oeste: no Leste, a *New England* era representada como colônia original, no século XIX, e a base dos Estados Unidos com cidades como Boston e Nova York, onde o que prevalecia era a vida suburbana de cidade industrial, repleta de *businessmen*. Por outro lado, o Oeste representava o *Frontier*, as novas terras e os *Frontiermen*, pobres que exploraram as terras do oeste para fazer fortuna. E, apesar de o contexto parecer mais sossegado que a vida em New York ou Boston, a avareza e a sede por poder dos *Frontiermen* tomaram conta dos “negócios” e a violência dominou o Oeste na busca de terra e de ouro. Para os *Frontiermen*, ser pioneiro era a característica principal para ser bem-sucedido. Além disso, precisavam ser corajosos, individualistas, autoconfiantes, agressivos e determinados (POPPELAARS, 2015).

As características do sonho americano estavam implícitas no decorrer de todo o processo de fundação dos Estados Unidos, mas foi só na obra *The Epic of America*, (1931) de Truslow Adams que a expressão aparece de forma explícita, logo após à famosa crise econômica de 1929, no momento de reconstrução dos Estados Unidos (PENTEADO, 2018). De acordo com Adams (1931, n.p) citado por Penteado (2018, p. 12), o sonho americano é caracterizado por:

[...] aquele sonho de uma terra na qual a vida deve ser mais rica e plena para todos, com oportunidades para cada um, de acordo com suas capacidades e feitos. É um sonho de difícil interpretação para as classes altas europeias e muitos de nós mesmos nos abatemos e perdemos a confiança nele. Não é apenas um sonho de carros motorizados e salários altos, mas um sonho de ordem social na qual cada homem e cada mulher pode ser apto a obter o mais pleno posto do qual é inerentemente capaz e a ser reconhecido pelos demais pelo que são, independentemente de circunstâncias fortuitas de nascimento ou posição.

Mas foi na Declaração da Independência que o “sonho americano” fincou suas raízes de vez, em 4 de julho de 1776, com Thomas Jefferson: “Consideramos essas verdades autoevidentes, que todos os homens são criados iguais, que são dotados por seu criador de certos direitos inalienáveis, que entre estes estão a Vida, a Liberdade e a busca da Felicidade.” (ARMITAGE, 2011 p. 27). Porém, de acordo com Dias (2008), as palavras escritas por Jefferson são em sua totalidade contraditórias, vagas e despertam muitas perguntas. Sendo assim, “essa afirmação não passa realmente de um sonho, no sentido freudiano clássico, pois os desejos nela expressos talvez nunca possam tornar-se realidade.” (DIAS, 2008, p. 34). Ou seja, apesar de as fortes raízes das características do *êthos* americano estarem fincadas na própria declaração da independência dos Estados Unidos, o sonho americano não passa de, literalmente, um sonho; um devaneio; e também, como vamos ver no próximo subtópico, uma forma de alienar a sociedade.

3.2 SONHO AMERICANO: A DESIGUALDADE SOCIAL E O CONSUMISMO

A desigualdade social é um fator que vem se agravando cada vez mais na era do capitalismo e do mundo globalizado, e isso se dá pela disparidade econômica e social entre classes, que podem ser divididas em duas: a classe que produz e a classe que detém a posse dos meios de produção (MARX, 2013). Como vimos anteriormente, a classe que produz, também conhecida como classe trabalhadora, é a maior classe em termos numéricos de composição de indivíduos. Ela tem um papel fundamental para manter o sistema capitalista, pois é responsável por grande parte do consumo e força de trabalho. Por outro lado, a classe dominante dos meios de produção é constituída por uma quantidade baixa de pessoas. Estas são donas de grandes empresas – fábricas, bancos, shoppings, redes de supermercados, empresas rurais, etc. – que têm como funcionalidade gerar emprego para a classe que produz a fim de tirar o máximo de lucro possível a partir do uso dessa mão de obra. Os capitalistas buscam, também, diminuir os custos da produção e os custos envolvidos na prestação de serviços como forma de potencializar os seus lucros.

Sendo assim, mesmo que um indivíduo, que compõe a classe trabalhadora, trabalhe mais, ele só irá receber uma parcela mínima do lucro final do produto vendido ou serviço prestado, se for o caso. Podemos entender melhor esse processo explorando o significado de “mais valia”:

A extração de mais-valia é a forma específica que assume a EXPLORAÇÃO sob o capitalismo, a *differentia specifica* do modo de produção capitalista, em que o excedente toma a forma de LUCRO e a exploração resulta do fato da classe trabalhadora produzir um produto líquido que pode ser vendido por mais do que ela recebe como salário. [...] A mais-valia é a diferença entre esses dois valores: é o valor produzido pelo trabalhador que é apropriado pelo capitalista sem que um equivalente seja dado em troca. Não há, aqui, uma troca injusta, mas o capitalista se apropria dos resultados do trabalho excedente não pago. (BOTTOMORE, 2001, p.227).

Nesse sentido, a mais valia se encontra justamente no processo que se inicia com a venda da força de trabalho, no qual, por fim, o trabalhador recebe um valor inferior ao produto final, gerando um excedente para o capitalista. Dessa forma, a classe dominante, por possuir os meios de produção, fica com a maior parte dos lucros ganhos, o que a leva a ter as maiores concentrações de riquezas e, assim, ter um padrão de vida mais elevado, o que implica subsistência, maior acesso à cultura, ao lazer e ao consumo em geral. Enquanto isso, a classe trabalhadora, que vive com menor porcentagem dos lucros finais, enfrenta grandes dificuldades em garantir os meios para a sua subsistência. Porém, o que mais caracteriza o capitalismo é a reprodução do capital, através da aplicação da mais-valia no processo de produção, visando a gerar mais capital. Essa lógica se repete indefinidamente.

Devido à sociedade enfrentar diferentes realidades em decorrência dessa desigualdade de classes, a maneira com que o consumismo se aplica na prática cotidiana social é experienciada de formas diferentes. E aqui vale ressaltar a diferença entre consumo e consumismo. De acordo com Carvalho (2015, p. 176), “adquirir os bens necessários às necessidades básicas (consumo), mas adquirir itens que se mostrem importantes não apenas aos olhos de quem os consome, mas também aos olhos dos outros sujeitos sociais (consumismo)”.

Dessa forma, a classe trabalhadora, a qual recebe remuneração (salário), consome via mercado de maneira totalmente diferente das classes dominantes. Ademais, a classe trabalhadora apresenta uma grande ânsia pelo consumismo generalizado. No entanto, em decorrência do baixo valor de seu salário, esse consumo é feito com extrema dificuldade. Muitas vezes, nem o consumo básico é atingido e é exatamente nesse ponto que surgem as grandes instituições financeiras que, por meio de linhas de créditos e financiamentos, buscam garantir a produção, o consumo e o consumismo que geram endividamentos.

Para Sibilia (2002, p. 37), o modo como se aplica a organização de uma “sociedade de consumistas” acaba aprisionando o consumidor (indivíduo) num *status* de devedor para sempre. Infelizmente, essas dívidas se tornam básicas para toda uma classe que queira se manter relevante para a sociedade e garantir sua existência. Enquanto isso, a elite, detentora

dos meios de produção, não precisa se preocupar com essas possíveis dívidas por várias gerações de suas famílias, já que consegue lucrar de forma exponencial no mundo capitalista, embora, nas crises cíclicas do sistema, corra o risco de ir à falência, como ocorreu a diversos setores da burguesia na crise de 1929.

Para Chomsky, no documentário *Requiem for the American Dream* (2015), que tem como foco o próprio *êthos* do sonho americano, não é possível controlar a sociedade norte-americana usando a força, pois ela já conquistou muita liberdade, como por exemplo: organizações de trabalho, partidos trabalhistas, mulheres tendo direito ao voto etc. Assim, para assumir o controle sobre as ideias e as atitudes dos indivíduos é preciso “fabricar consumidores”. Essa ideia de “fabricar consumidores” consiste em criar vontades de consumo na sociedade, de modo a fazer as pessoas quererem comprar coisas das quais elas necessariamente não precisam e que estejam fora do seu alcance, a princípio, direcionando-as às coisas superficiais da vida, como o “consumo da moda”.

Dessa forma, tira-se o poder da maior parte da população, uma vez que essa se encontra ocupada em atingir os “sonhos fabricados” da casa própria, do carro do ano, do celular de última geração, da bolsa de edição limitada, entre outros desejos que lhe são impostos. Ao tirar o foco de assuntos realmente importantes e urgentes, o consumismo, impulsionado principalmente pela publicidade, faz com que o poder das decisões mais importantes se restrinja a uma parte muito seleta da população. Ou como o intelectual Walter Lippmann (1993) pondera, em um de seus ensaios publicados no século XX, o público deve ser colocado no seu lugar para que os homens responsáveis tomem as decisões sem as interferências do rebanho desnortado. Ou seja, a massiva parte da população deve apenas assistir à democracia, não participar dela.

Ainda no documentário *Requiem for the American Dream* (2015), Chomsky diz que a sociedade perfeita, no mundo capitalista, é construída a partir de uma díade formada pelo indivíduo e o aparelho de TV. Ou atualmente: o indivíduo e a internet. Dessa forma, a mídia se torna encarregada de mostrar o caminho que a população deve seguir, que coisas deve comprar, quais sonhos deve ter etc. Nessa situação, pessoas passam uma vida inteira tentando adquirir coisas que, a princípio, elas não querem, mas que para atingir certo prestígio social e, portanto, serem bem-vistas pelo restante da sociedade, fazem-se necessárias.

O discurso publicitário tem caráter informativo e/ou persuasivo e geralmente usa uma linguagem de apelo sentimental para com o interlocutor a fim de poder vender algum produto, serviço ou até acontecimento. Seu nível de engajamento entre a população é massivo, de modo a ter um papel decisivo na sociedade e no seu processo de construção da realidade, que

vai desde as decisões que vão moldar a vida do indivíduo até o menor detalhe do seu cotidiano para viver uma vida feliz (CARVALHO, 2015).

Isso ocorre, por exemplo, quando impondo a um adolescente que, para ele ser feliz, ele precisa ser um homem de sucesso, deve poder comprar uma casa com um grande jardim e piscina, deve ser capaz de trocar o modelo de seu carro ano a ano, assim, como ele também precisa consumir tal cereal de marca Y no café da manhã para conseguir ter maiores rendimentos nos estudos e levar uma vida saudável.

A felicidade mora nessa fórmula mágica imposta pela mídia? Não. O que se faz presente é o prestígio social que se tem quando se atinge tais conquistas. Os problemas do cotidiano ainda vão existir. Mesmo que o indivíduo sacrifique sua vida em prol de atingir o propósito do exemplo descrito acima, isso raramente o levará a lograr êxito, levando em consideração a mobilidade social norte-americana depois da década de 1970. O mais provável é que ele continue sendo parte de uma classe trabalhadora assalariada, muito longe de fazer parte da classe dominante.

Podemos notar isso de acordo com Carvalho (2015, p. 170):

A hegemonia do discurso publicitário, por intermédio da manipulação, reproduz a prática social e enfatiza o poder dos símbolos e a influência destes na cultura de consumo. As ideias, pessoas, valores, atitudes se transformam em mercadorias vendáveis [...] Aqueles que não consomem os produtos “utilitaristas” da moda são vistos como os diferentes, os marginais, os infelizes, só restando a estes uma escolha: consumir para pertencer e para alcançarem a tão sonhada felicidade. [...] o capitalismo produz e é reproduzido pelo discurso publicitário de consumismo.

Podemos concluir, assim, que o consumismo conspícuo de uma sociedade é alimentado pelo poder midiático e suas ferramentas, como a TV e a internet, os quais vendem sonhos para a população que se encontra num estado de alienação. Nesse sentido, podemos compreender como o consumismo é gerado e como a publicidade no mundo globalizado tem contribuído para essa finalidade.

4 DA POSSIBILIDADE UTÓPICA AO FRACASSO PRESENTES EM *A MORTE DE UM CAIXEIRO-VIAJANTE*, DE ARTHUR MILLER

Neste capítulo, objetivamos discutir aspectos relacionados à vida e à obra de Arthur Miller, bem como analisar a sua peça *A morte de um caixeiro-viajante* (1998; 2009), com base na crítica literária marxista, cumprindo, desse modo, o objetivo geral proposto para esta pesquisa.

4.1 ARTHUR MILLER: VIDA E OBRA

O autor norte-americano Arthur Asher Miller (1915-2005) é amplamente conhecido pelo seu trabalho como dramaturgo. Ao total são de sua autoria mais de 30 peças. Miller dedicou sua vida à escrita de romances, peças para rádio e roteiros de cinema, e hoje é visto como um dos maiores dramaturgos do século XX. Ganhou diversos prêmios, entre eles, o importantíssimo Pulitzer de teatro, uma das maiores honrarias para trabalhos voltados aos âmbitos jornalístico, literário e de composição musical. Além disso, Miller se casou três vezes, sendo a atriz norte-americana Marilyn Monroe como a sua esposa de maior notoriedade. Formou-se em Jornalismo na Universidade de Michigan, onde escreveu seu primeiro drama intitulado *No Villain* (1936), uma peça que conta a história de um indivíduo que resolve fazer greve na empresa em que trabalha. Dessa maneira, podemos notar que os conflitos de ordem social já estavam ali presentes como tema na escrita de Miller desde a sua primeira obra dramaturga. A peça ganhou o prêmio Hopwood em drama, marcando, assim, o seu primeiro prêmio na categoria.

No ano de 1944, Miller monta a peça *The man who had all the lucky* e faz sua estreia de forma profissional na Broadway. Essa estreia foi um fiasco, tendo somente quatro performances; isso fez com que ele se sentisse desmotivado para continuar escrevendo peças. Então, no ano seguinte, 1945, ele escreve o romance *Focus*, que trata questões de racismo, em particular o antissemitismo. O livro foi bem recebido pela crítica, o que estimulou Miller a voltar a escrever no gênero drama.

No ano de 1949, Miller escreve *A morte de um caixeiro-viajante* e conquista a ascensão profissional em sua carreira. A peça é afirmada como um de seus maiores sucessos, e se tornou um clássico da dramaturgia norte-americana, ganhando diversos prêmios importantes como o Tony de melhor apresentação de uma obra teatral e outro por melhor

obra. No enredo, Miller faz severas críticas ao *êthos* do sonho americano e mostra que essa realidade é inaplicável para todos. Logo após o sucesso de *A morte de um caixeiro-viajante*, Miller continua seu trabalho de excelentíssima qualidade e escreve peças que lhe garantem o título de escritor canônico. Podemos citar algumas dessas peças: *The man who had all the lucky* (1944); *All my sons* (1947); *The crucible* (1953); *A view from the bridge* (1955) e *The price* (1967).

Todas essas peças citadas têm em comum, como núcleo da trama, problemas presentes na sociedade norte-americana. Para entendermos isso, é importante sabermos o contexto em que as obras foram montadas. Entre 1940 até 1960, o mundo vivia a Guerra Fria, época marcada por um convencionalismo nos costumes sociais e uma paranoia anticomunista. Vejamos o que afirma Frias Filho (2009) sobre as relações entre o teatro de Miller e esse contexto:

Num mundo dividido entre dois impérios - Estados Unidos e União Soviética que se hostilizavam sem poder deflagrar guerra aberta, a qual devastaria ambos, o teatro de Arthur Miller era político, levando às últimas consequências tensões que estavam no ar e opunham o interesse individual ao dever para com a comunidade, o patriotismo aos princípios. Era também um teatro psicológico, em que dilemas de natureza pública apareciam plasmados na história de personagens imbuídos de verossimilhança quase sociológica, decerto, mas compostos com pungência e nuançamento poéticos. (FRIAS FILHO, 2009, p. 7).

Sendo assim, identificamos o teatro de Miller como um teatro que tem como principal função tecer críticas sobre a estruturação da sociedade, em particular, acerca da sociedade americana de classe média do período da Segunda Guerra Mundial e o revés do sonho americano que se verifica no período seguinte, o Pós-Guerra.

Quando falamos da vida de Miller, é importantíssimo discorrer sobre as perseguições que ele sofreu devido ao caráter de denúncia social de seu teatro na década de 1950, em pleno contexto de guerra fria, pelo governo americano, especialmente pelo senador Joseph McCarthy. Foi este senador que desencadeou uma verdadeira “caça às bruxas” contra todos os artistas com tendências esquerdistas e em especial contra Miller, acusando-o de ser “comunista”. Isso porque, conforme Frias Filho (2005), Arthur Miller fazia denúncias contra os Estados Unidos, um país que tinha acabado de chegar ao topo do mundo, de modo que as críticas presentes em seus textos ameaçavam diretamente, no entender do senador, a permanência dos Estados Unidos nesse topo.

Não podemos perder de vista o fato de que a “guerra fria” travada entre os EUA e a URSS significava a disputa pela hegemonia econômica, política e ideológica do mundo.

Cada uma dessas potências buscava avançar sua área de influência. Ter boas relações com “inimigos infiltrados” seria imprescindível. O mesmo se verificava, certamente, da parte de URSS.

A perseguição foi tanta que Miller foi intimado a depor no Comitê de Atividades Antiamericanas para denunciar colegas escritores e outros tantos artistas que o senador Joseph McCarthy dizia serem comunistas, mas ele se recusou, o que o levou à prisão por desacato ao Congresso. Essa prisão, porém, foi logo revogada pela Suprema Corte. O movimento dessa postura política implementado por McCarthy ficou conhecido como macartismo.

Atualmente, o teatro de Miller tem sido pouco encenado, pois, conforme Frias Filho (2009), o predomínio mundial do capitalismo retira toda a força artística do teatro voltado ao social, colocando o teatro de Miller apenas como referência de um momento histórico.

[...] Ao mesmo tempo, o experimentalismo que varreu os palcos nos anos de 1960-70 fixou um estilo “dionisiaco” vigente ainda hoje, refratário a todo teatro que pareça praticar naturalismo psicológico. Essas [...] circunstâncias vêm castigando injustamente a dramaturgia de Arthur Miller. (FRIAS FILHO 2005 p. 7).

Essa espécie de “esquecimento” do teatro de Miller acontece justamente por ideologias localizadas na superestrutura da sociedade norte-americana que demoniza tudo que critica o capitalismo, e aqui, em especial, a “fachada reluzente do *american way-of-life*.” (FRIAS FILHO, 2005, p. 8). Dessa forma, concluímos que Arthur Miller teve um papel essencial na crítica social dos Estados Unidos. Apesar de atualmente morar numa espécie de “baú”, que acessamos quando queremos ter acesso a memórias de momentos passados, Miller é visto por estudiosos sociais como uma figura importante de denúncia social.

4.2 ANÁLISE DE *A MORTE DE UM CAIXEIRO-VIAJANTE*, DE ARTHUR MILLER

Após realizarmos uma breve descrição da história de formação dos E.U.A, desde o seu processo de colonização até a independência, e entender conceitos do sistema capitalista como reificação, fetichismo de mercadoria, consumismo e alienação, no presente capítulo vamos analisar a peça *A morte de um caixeiro-viajante*. Como vimos, o atual país, Estados Unidos da América, a princípio, se desenvolveu como colônia dos ingleses. Toda a sua colonização foi

pensada em povoamento e, para despertar o interesse das pessoas a colonizar aquele território, criou-se um discurso totalmente utópico, cuja principal característica era vender a ideia de que a América seria um lugar excelente para se morar, onde haveria liberdade individual e grandes oportunidades para famílias alcançarem o sucesso e ascensão social desde que se esforçassem para isso. A partir disso, nasce a famosa expressão *The American dream* (O sonho americano), e é nesse *êthos* que *A morte de um caixeiro-viajante* se constrói. Entretanto, essa garantia é mentirosa, pois o sistema capitalista não gera condições para que esse sonho se realize para todos.

Tendo o sonho americano como pano de fundo de toda a narrativa, a peça *A morte de um caixeiro-viajante* (1998; 2009), publicada em 1949, por Arthur Miller (1915-2005), é construída com descrições e críticas ao fracasso anunciado dessa fantasia nacional. A trama desenvolve-se a partir dos seguintes personagens: Willy (pai); Linda (mãe); Biff (filho); Happy (filho); Ben (irmão de Willy); Charley e Bernade (vizinhos); e Haword (patrão de Willy). O enredo conta a história de Willy, um homem com mais de 60 anos de idade obcecado por riquezas e que batalhou toda a sua vida para atingir a ascensão social e a liberdade financeira, mas nunca conseguiu. Podemos enxergar que esse era o seu maior sonho por meio dos devaneios que ele tem com o seu irmão Ben, o qual conseguiu alcançar o tão famoso sonho americano:

WILLY: Fiquei morrendo de medo. Quase atropeliei um garoto em Yonkers. Meu Deus! Por que eu não fui para o Alaska com o meu irmão Ben daquela vez? Ben! Aquele homem era um gênio! Era o sucesso em pessoa! Que erro! Ele me implorou para que eu fosse com ele [...] porque naquela época eu pensava em ir para o Alaska. Houve três corridas de ouro lá, e eu quase fui com ele. (MILLER, 1998, p. 27). (Tradução nossa)³.

Dessa forma, as ambições contidas nas falas de Willy, acerca dele mesmo e de seu irmão, mostram a sua visão de mundo capitalista, sendo capaz de fazer qualquer coisa pela ascensão financeira e social, visto que Willy cogita a possibilidade de ir para terras longínquas a fim de fazer fortuna. É importante ressaltar que Ben conseguiu fazer riqueza de maneira rápida e fácil por meio da exploração do ouro no Alaska. Nesse sentido, podemos aproximar Ben dos *Frontiermen*, que são caracterizados por Poppelaars (2015, p. 108-109) da seguinte forma:

³ Willy: I got an awful care. Nearly hit a kid in Yonkers. God! Why Didn't I go to Alaska with my brother Ben that time! Ben! That man was a genius, that man was success incarnate! What Mistake! He begged me to go [...] Because in those days I had a yearning to go to Alaska. See, there were three gold strikes in one month in Alaska. (MILLER, 1998, p. 27).

No faroeste, *the Wild West*, os *frontiermen*, os pioneiros, estes “[...] praticantes de uma autossuficiência ignóbil e individualismo áspero tornaram-se os ladrões barões cuja avareza e ganância mancharam o sonho agrário [...]” (CENTOLA, 2008, p. 36). Eles tomavam a lei em suas próprias mãos. A violência dominou o oeste na busca de terra e ouro. [...] os pioneiros do oeste enfatizaram algumas características consideradas necessárias para ter sucesso material. Eles eram corajosos, individualistas, autoconfiantes, agressivos e determinados (ADAMS, 1933).

Por nunca ter conseguido realizar seus sonhos capitalistas, Willy projeta toda a sua ambição em seu filho Biff, o qual quando era mais jovem tinha ambição em seguir a carreira de jogador de futebol americano, mas, ao flagrar seu pai traindo sua mãe com uma prostituta, não se vê mais motivado, pois ali ele percebe que a figura do seu pai, que até então era um herói para ele, se desfaz. Então, Biff desenvolve aversão ao sonho americano e prefere ter uma vida mais simples, sem colocar a acumulação de riquezas como seu objetivo de vida. Inclusive isso é marcado pelo fato de Biff ter mais de 30 anos e não ter emprego nem ter se desenvolvido na vida acadêmica. Os dois têm vários embates no decorrer da peça por conta das suas divergências de pensamentos. Para Dillingham (1967, p. 345-346 *apud* POPPELAARS, 2015, p. 24) Biff deixa de acreditar nos ideais do sonho americano quando percebe que seu pai é um mentiroso:

[...] descobre a mulher no quarto de hotel de Willy. Ele então vê Willy Loman como nunca o viu antes, falso para os outros e para si mesmo. E através de sua determinação de não seguir o exemplo de Willy, [...] Biff é capaz de encontrar a si mesmo.

Além disso, Willy trabalhou toda a sua vida como vendedor para Haword e seu pai, e quando ele não consegue mais dar o retorno esperado de vendas, Haword o demite, mesmo Willy implorando para continuar na firma com o salário reduzido, como ilustra o trecho da obra a seguir:

WILLY: Se eu tivesse quarenta dólares por semana, isso é tudo que eu peço. Quarenta dólares, Howard.

HOWARD: Garoto, eu não posso tirar sangue de uma pedra, eu —

WILLY: [o desespero está nele agora]: Howard, o ano em que Al Smith foi indicado, seu pai veio até mim e...

HOWARD [começando a brincar]: Eu tenho que ir para uma reunião, garoto.

WILLY: [...] - Dediquei trinta e quatro anos a esta firma, Howard, e agora não posso pagar meu seguro! Você não pode comer a laranja e jogar a casca fora – um homem não é um pedaço de fruta! (MILLER, 1998, p. 61-62). (tradução nossa)⁴.

⁴ Willy: If I had forty dollars a week—that’s all I’d need. Forty dollars, Howard. Howard: Kid, I can’t take blood from a stone, I— willy: [desperation is on him now]: Howard, the year Al Smith was nominated ,your father came to me and— Howard [starting to go off]: I’ve got to see some people, kid. Willy: [...] —I put thirty-four years into this firm, Howard, and now I can’t pay my insurance! You can’t eat the orange and throw the peel away—a man is not a piece of fruit! (MILLER, 1998, p. 61-62).

Dessa forma, pela lógica capitalista em que *A morte de um caixeiro viajante* está inserida, para Howard é muito mais viável demitir Willy, pois seguindo os princípios do capitalismo, deve-se manter o menor custo possível de produção em relação ao valor que é possível lucrar com aquele produto. Então, nesse contexto cria-se uma atmosfera de crise ameaçadora e caótica para Willy, que se vê perdendo seu emprego na firma com a qual ele contribuiu por tantos anos.

Para Noam Chomsky, no documentário *Requiem for the American Dream* (2015), a crise assume um papel fundamental no aumento de todos os tipos de desigualdade, pois é a partir dela que os trabalhadores das classes mais baixas e que são assalariados se submetem a trabalhos com salários menores, incompatível com a produção ou serviço prestado, sem direitos trabalhistas, o que amplia ainda mais as margens de exploração da força de trabalho. E mais que isso, instala-se um ambiente de competição entre os trabalhadores, no qual vence aquele que se submeter às novas condições impostas pelo empregador. Vale ressaltar que esse cenário não se aplica aos altos executivos das corporações.

Ainda no trecho da obra mencionado anteriormente, podemos destacar o processo de reificação presente na relação entre os personagens. Notamos que a relação interpessoal e humana entre Howard e Willy assume um segundo plano, e o que se faz presente ali é a relação entre coisas (coisificação), visto que, mesmo Willy tendo dedicado toda a sua vida para o crescimento da empresa de Howard, que antes era do seu pai, Howard decide demitir Willy tendo como justificativa os baixos resultados de lucro gerados por este. Nesse sentido, para Howard, Willy passa a ser uma coisa, a qual não é capaz de dar o retorno financeiro esperado, e sem escrúpulos decide demiti-lo. A construção de toda a cena se faz com Willy tentando tocar em pontos que despertassem sensibilidade em Howard, retomando assuntos de sua juventude, e o quanto ele ajudou aquela empresa com seu trabalho, mas ao ouvir esses argumentos, Howard o destrata e, de maneira clara e explícita, diz que precisa sair dali para ver outras pessoas (coisas).

Ademais, a maneira de consumismo praticado pelo protagonista é bastante restrita. Por vezes, Willy fala de suas vontades consumistas, mas logo ele percebe que não tem meios para adquirir tais bens. Conforme ilustra o trecho da peça:

WILLY: Essa é uma máquina maravilhosa. Podemos...

HOWARD: Vou lhe dizer, Willy, vou pegar minha câmera, minha serra de fita e todos os meus hobbies, e irei deixá-los de lado. Este é o relaxamento mais fascinante que já encontrei.

WILLY: Acho que vou comprar um para mim.

HOWARD: Claro, é apenas mil e quinhentos dólares. Você não vai conseguir viver sem ter um. Imagine só! Supondo que você queira ouvir Jack Benny, entende? Mas não pode estar em casa a essa hora. Então você diz à empregada para ligar o rádio quando Jack Benny começar, e automaticamente o gravador grava tudo... (MILLER, 1998, p. 58). (tradução nossa)⁵.

No trecho, Willy fica convencido pelo seu chefe de que precisa de um rádio de última geração capaz de gravar programas. Entretanto, ao ler a fala de Howard, podemos perceber o tamanho abismo social e financeiro que existe entre ele e seu funcionário. Para Willy, é impossível ter algum *hobbie*, pois ele sempre está preocupado com suas finanças. Além disso, o aparelho de som recomendado pelo seu patrão está completamente fora do orçamento de Willy, visto que ele é o único provedor financeiro do seu núcleo familiar e não tem salário fixo, apenas comissões das suas poucas vendas. Ademais, também tem uma alta dívida para pagar: a hipoteca da casa. Em contrapartida, é possível para Howard ter vários *hobbies*, poder financeiro para gastar altas quantias com consumismo e ter empregada doméstica em casa. Sendo assim, é possível destacar as relações já apresentadas aqui de consumismo conspícuo e consumo nas diferentes classes, de acordo com Carvalho (2015).

Outro fator de destaque no trecho é o fetichismo de mercadoria. Vemos o grau de glamorização com que Howard descreve o produto que ele adquiriu e a importância de tê-lo. Nesse sentido, até mesmo Howard, que faz parte da classe dominante dos meios de produção, se vê deslumbrado pelo fetiche de mercadoria, provando que esse fenômeno analisado por Marx, longe de ser algo que se restringe às classes baixas, encontra a sua maior expressão na classe dominante, que é a que mais tem acesso às mercadorias justamente por ter melhores condições para isso. Dessa forma, cria-se uma necessidade coletiva, que podemos defini-la como alienação, para ter tal produto.

Também temos outro fator a ressaltar: os constantes delírios de Willy no decorrer da trama, que são motivo de preocupação de sua esposa e filhos em relação a sua sanidade mental:

HAPPY: Ele só quer que você tenha sucesso, só isso. Já tem muito tempo que eu queria falar com você a respeito dele, Biff. Alguma coisa está acontecendo com ele. Ele anda falando muito sozinho.

⁵ Willy: That is a wonderful machine. Can we—Howard: I tell you, Willy, I'm gonna take my camera, and my bandsaw, and all my hobbies, and out they go. This is the most fascinating relaxation I ever found. Willy: I think I'll get one myself. Howard: Sure, they're only a hundred and a half. You can't do without it. Supposing you wanna hear Jack Benny, see? But Can't be at home at that hour. So you tell the maid to turn the radio on when Jack Benny comes on, and this automatically goes on with the radio... (MILLER, 1998, p. 58).

BIFF: É! Eu percebi hoje de manhã. Mas acho que ele sempre foi um pouco assim. (MILLER, 1998, p. 10). (Tradução nossa)⁶.

Willy apresenta vários devaneios e fugas da realidade que podem ser considerados verdadeiros surtos esquizofrênicos⁷. Dessa maneira, podemos afirmar que o agravamento dessa doença se dá pela alienação de Willy, no tocante ao seu contexto econômico-social. De acordo com Carvalho (2015, p. 182):

Alienação, originalmente, era um termo da psiquiatria utilizado para descrever uma forma de perturbação mental, como v. g. a esquizofrenia – uma perda de identidade pessoal ou de consciência, podendo ser definida como uma doença do *eu* – o arrombamento do espírito, a anulação da personalidade individual. Na dimensão econômico-social a alienação pode ser tida como a perda da consciência de si numa situação concreta, a perda da identidade e personalidade, da vontade individual, a coisificação do homem pela vontade de outros.

Adiante, já se aproximando do final do segundo ato da peça, temos um dos momentos mais tensos da ação dramática: é a discussão entre Willy e seu filho Biff. Nessa cena, Biff desabafa que não aguenta mais tentar alcançar o sonho americano, pois não passa de um fracassado. A fim de melhor ilustrar essa cena para a analisarmos melhor, segue um recorte dela:

BIFF Não! Ninguém vai se enforcar, Willy! Hoje eu desci onze andares correndo, com uma caneta na mão. E de repente eu parei. E no meio daquele prédio, ouviu bem? Eu parei no meio daquele prédio e eu vi... o céu. E vi as coisas que eu amo neste mundo. O trabalho, a comida e o tempo de sentar e fumar um cigarro. Olhei para a caneta e me perguntei: por que é que eu estou roubando uma caneta? Por que estou tentando ser uma coisa que eu não quero ser? O que é que eu estou fazendo num escritório, feito um idiota, quando tudo que eu quero está lá fora, esperando por mim no minuto em que eu disser que eu sei quem eu sou? Por que não posso dizer quem sou, Willy? (Tenta fazer com que Willy olhe para ele, mas Willy o repele e anda para a esquerda).

WILLY (com ódio, ameaçador): As portas de sua vida estão abertas para você a todo tempo! BIFF: Papai, eu sou um zero à esquerda, e você também é!

WILLY (virando-se para Biff furioso): Eu não sou um zero à esquerda! Eu sou Willy Loman, e você é Biff Loman! (Biff avança para Willy, mas é contido por Happy. Na sua fúria, Biff parece que vai bater no pai).

BIFF: Eu não sou um grande homem, Willy, e você também não. Você nunca passou de um homem que trabalhou duro a vida inteira e terminou na lata de lixo,

⁶ happy: He just wants you to make good, that's all. I wanted to talk to you about Dad for long time, Biff. Something's—happening to him. He—talks to himself. Biff: Notice That this morning. But he Always mumbled. (MILLER, 1998, p. 10).

⁷ “A definição atual de esquizofrenia indica uma psicose crônica idiopática, aparentando ser um conjunto de diferentes doenças com sintomas que se assemelham e se sobrepõem. A esquizofrenia é de origem multifatorial onde os fatores genéticos e ambientais parecem estar associados a um aumento no risco de desenvolver a doença [...] Os aspectos mais característicos da esquizofrenia são alucinações e delírios, transtornos de pensamento e fala, perturbação das emoções e do afeto, déficits cognitivos e a volição.” (SILVA, 2006 p. 263).

como todos os outros! E eu, Willy, eu sou um assalariado de um dólar por hora! Um dólar por hora! Será que você entende o que eu digo? Eu já não trago prêmios para casa e você tem que se acostumar com o fato de que eu nunca mais irei trazer um prêmio para casa! (MILLER, 1998, p. 105-106). (Tradução nossa).⁸

Em um momento de exaustão, após anos e anos de cobrança por parte de seu pai, Biff resolve gritar o que esteve guardado em seu peito em relação aos malefícios dos sonhos que seu pai teve para ele. No trecho, Biff mostra que conseguiu superar conceitos que o mantinham alienado, como: reificação, fetichismo da mercadoria e consumismo. Seu pai, Willy, não aceita em nenhum momento ser chamado de fracasso e rebate o argumento do filho, dizendo: “[...] Eu não sou um zero à esquerda! Eu sou Willy Loman, e você é Biff Loman! [...]”. (MILLER, 1998, p. 105).

Nesse sentido, percebemos o quão profundo é a manipulação dos ideais de Willy. Mesmo com o seu filho dizendo que não vê felicidade em atingir o sonho americano e que prefere uma vida mais simples, Willy não dá a mínima importância e insiste em impor sua ideologia capitalista a Biff.

A cena marca o último diálogo dos dois. Logo após a discussão que foi analisada entre pai e filho, Willy se vê envolto por uma atmosfera de crise gerada a partir das suas crenças em fazer dinheiro rápido e ser bem-visto pela sociedade. Como no decorrer de toda sua vida, nunca conseguiu alcançar esse objetivo, ele chega à conclusão de que vale muito mais morto do que vivo. Sendo assim, resolve se matar, batendo o carro, considerando que no velório dele, quando viessem familiares e amigos de longe, seus filhos estabeleceriam contatos com os visitantes a fim de arrumar uma oportunidade grandiosa de emprego. Ademais, pondo fim na sua vida, deixaria o dinheiro do seguro para ajudar sua família.

Como vemos no trecho a seguir, a cena da morte de Willy é construída de uma forma bastante abstrata e implícita, em meio à confusão dos devaneios de Willy com seu Irmão Bem, que o convida a embarcar no navio que vai para o Alaska.

⁸ BIFF: No! Nobody's hanging himself, Willy! I ran down eleven flights with a pen in my hand today. And suddenly I stopped, you hear me? And in the middle of that office building, do you hear this? I stopped in the middle of that building and I saw—the sky. I saw the things that I love in this world. The work and the food and time to sit and smoke. And I looked at the pen and said to myself, what the hell am I grabbing this for? Why am I trying to become what I don't want to be? What am I doing in an office, making a contemptuous, begging fool of myself, when all I want is out there, waiting for me the minute I say I know who I am! Why can't I say that, Willy? [He tries to make Willy face him, but Willy pulls away and moves to the left.] WILLY [with hatred, threateningly]: The door of your life is wide open! BIFF: Pop! I'm a dime a dozen, and so are you! Willy [turning on him now in an uncontrolled outburst]: I am not a dime a dozen! I am Willy Loman, and you are Biff Loman! [Biff starts for Willy, but is blocked by Happy. In his fury, Biff seems on the verge of attacking his father.] BIFF: I am not a leader of men, Willy, and neither are you. You were never anything but a hard-working drummer who landed in the ash can like all the rest of them! I'm one dollar an hour, Willy! I tried seven states and couldn't raise it. A buck an hour! Do you gather my meaning? I'm not bringing home any prizes any more, and you're going to stop waiting for me to bring them home! (MILLER, 1998, p. 105-106).

BEM (olhando o relógio): O navio. Vamos chegar atrasados. (Lentamente, Ben desaparece na escuridão).

WILLY (virando-se para a casa, como num lamento): Agora, menino, quando o jogo começar, eu quero ver você correndo na frente de todos, e quando você for fazer gol, atire forte, meu filho, porque isso é muito importante. (Gira sobre si mesmo e contempla a plateia). Existe muita gente importante prestando atenção em você, e a primeira coisa é... (De repente, percebendo que está sozinho) Ben! Ben, onde eu... (Procurando) Ben, como é que eu...?

LINDA (chamando): Willy, você vai subir?

WILLY (num murmúrio para acalmá-la): Sh! (Vira-se em busca de encontrar um caminho; ruídos, vozes e rostos parecem estar girando junto com ele, gritando) Sh! Sh! (É interrompido pela chegada da música, que cresce com intensidade, até quase se transformar num grito. Ele se movimenta para cima e para baixo na ponta dos pés, e sai correndo em volta da casa.) Shhh! (MILLER, 1998, p. 108). (tradução nossa)⁹.

Assim, podemos notar que as últimas das falas de Willy são marcadas ainda pela crença na ascensão financeira e social, tendo como pilar as características do sonho americano. E, apesar dos seus devaneios e fuga da realidade, percebemos que ele ainda se mostra bem ciente do fato de que está se matando para “ajudar” financeiramente sua família.

Mais uma vez, aqui, podemos identificar o conceito de reificação presente na obra, pois Willy não se vê mais como um ser humano constituinte de uma família. Ele se percebe socialmente como uma mercadoria com valor agregado, mercadoria essa (vida) que pode ser trocada por outra mercadoria (dinheiro). Essa troca de mercadoria tão absurda é normalizada por Willy pelo fato de ele estar alienado devido ao *êthos* do sonho americano presente na superestrutura da sociedade da qual ele faz parte. Também podemos vislumbrar o fetichismo de mercadoria presentes na cena citada uma vez que, para Jappe (2014):

O fetichismo [...] faz parte da realidade básica do capitalismo; é a consequência direta e inevitável da existência da mercadoria e do valor, do trabalho abstrato e do dinheiro. A teoria do fetichismo é idêntica à teoria do valor, porque o valor, assim como a mercadoria, o trabalho abstrato e o dinheiro são, eles próprios, categorias fetichistas! (JAPPE, 2014, p. 18).

⁹ BEN: [looking at his watch]: The boat. We'll be late. [He moves slowly off into the darkness.]

WILLY: [elegiacally, turning to the house]: Now when you kick off, boy, I want a seventy-yard boot, and get right down the field under the ball, and when you hit, hit low and hit hard, because it's important, boy. [He swings around and faces the audience.] There's all kinds of important people in the stands, and the first thing you know . . . [Suddenly realizing he is alone] Ben! Ben, where do I ...?[He makes a sudden movement of search.] Ben, how do I ...?

LINDA [calling]: Willy, you coming up?

WILLY: [uttering a gasp of fear, whirling about as if to quiet her]: Sh! [He turns around as if to find his way; sounds, faces, voices seem to be swarming in upon him and he flicks at them, crying, "Sh! Sh!" Suddenly music, faint and high, stops him. It rises in intensity, almost to an unbearable scream. He goes up and down on his toes, and rushes off around the house.] Shhh! (MILLER, 1998, p. 108)

Também constatamos que, mesmo com tudo que foi dito pelo seu filho Biff, negando-se aos desejos do sonho americano, Willy ainda acredita que Biff será muito rico e querido por muitos. Ou seja, a última discussão com seu filho serve para reforçar ainda mais a necessidade de Willy em ver ascender financeiramente e socialmente sua família. A peça sugere como esse mito americano, fundado por seus colonizadores, materializado textualmente na Constituição da Independência dos Estados Unidos, ainda pode impactar os americanos em geral e, no plano da ficção, personagens comuns como Willy Loman.

Um fato interessante é que em nenhum momento Willy e sua família passam por grandes necessidades financeiras; eles sempre conseguem se manter e pagam as contas apesar da restrita vida financeira. Mas para Willy isso não é suficiente. Para ser feliz, ele necessita realizar o sonho americano, a promessa que foi feita pelos seus colonizadores.

A peça encerra-se com uma última fala de Linda no velório de Willy:

LINDA: Perdoe-me, Willy, eu não consigo chorar. Não sei por que, mas não consigo chorar. Não entendo o motivo de você ter feito isso? Ajude-me, Willy, eu não consigo chorar. Parece que você só foi fazer mais uma de suas viagens. E eu fico esperando você, como sempre. Willy, meu querido. Não consigo chorar. Por que é que você fez isso? Eu procuro a resposta e não consigo encontrar, Willy. Logo hoje que eu fiz o último pagamento da casa. Hoje, querido. E não haverá ninguém nela... (Um soluço sobe a sua garganta.) Não estamos devendo nada a ninguém. Estamos livres de obrigações. (Soluçando mais aliviada.) Estamos livres... (Biff vem lentamente para ela.) Estamos livres... livres... (MILLER, 1998, p. 112). (tradução nossa)¹⁰

No trecho citado, vemos um exemplo do que Chomsky (2015) chama de lógica capitalista em manter a classe trabalhadora endividada para garantir o consumo básico. Nisso, mesmo que a quitação de dívida acontecesse, o que teoricamente representaria a liberdade da família Loman, ainda assim eles estariam endividados com outras coisas, pois, como Chomsky (2015) afirma, as falsas necessidades de consumo são criadas exatamente com a finalidade de manter o indivíduo endividado. Nesse sentido, no meio desse processo, Linda tenta racionalizar o porquê de Willy ter chegado a esse extremo e, após travar algumas discussões nos capítulos anteriores, podemos afirmar que Willy é uma vítima de um contexto espaço-tempo voltado para ideias utópicas que formaram a ideologia dominante daquela sociedade. Tendo o capitalismo como o espaço histórico e social de realização dessas ideias,

¹⁰ Linda: Forgive me, dear. I can't cry. I don't know what it is, but I can't cry. I don't understand it. Why did you ever do that? Help me, Willy, I can't cry. It seems to me that you're just on another trip. I keep expecting you. Willy, dear, I can't cry. Why did you do it? I search and search and I search, and I can't understand it, Willy. I made the last payment on the house today. Today, dear. And there'll be nobody home. [A sob rises in her throat.] We're free and clear. [Sobbing more fully, released] We're free. [Biff comes slowly toward her.] We're free . . . We're free. (MILLER, 1998, p. 112)

fica claro que elas não poderiam se concretizar, pois, como vimos, o que se estabelece no sistema capitalista é a reificação em todos os seus níveis sociais, que passa pelo fetichismo da mercadoria para assim tornar o indivíduo alienado da sua própria forma de trabalho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A peça *A morte de um caixeiro-viajante* (1998; 2009), tendo como pano de fundo o ideal do “sonho americano”, denuncia os malefícios de uma visão utópica engendrada naquela sociedade capitalista. Nesse sentido, por meio do núcleo familiar de Willy, emergem as tensões e as pressões causadas pelo desgaste da busca por uma “vida melhor”, ou seja, uma vida que esteja de acordo com o *status quo* de certos grupos. Essa busca é o tempo todo alimentada pela ilusão de que é possível alcançar essa “vida boa” por meio do trabalho duro, algo que não ocorre na trama da peça.

Esse drama de Arthur Miller sugere uma realidade que extrapola os limites da arte para encontrar eco nas vivências de milhares de pessoas, como pondera Chomsky (2015), ao tratar da ilusão que se criou a respeito do “sonho americano”. Para esse filósofo americano, na tentativa de alcançar a casa dos sonhos, o carro dos sonhos, o celular dos sonhos etc., as pessoas, na realidade, estão consumindo “sonhos fabricados”, de modo que ficam alienadas do que realmente importa para as suas existências. Isso se dá por causa do modo como o sistema capitalista opera: sempre gerando consumo, ao criar consumidores. É atrás desse sonho fabricado que Willy corre.

Dessa maneira, fica evidente a denúncia desse ideal do sonho americano presente na obra. A situação de vulnerabilidade socioeconômica representada por Willy e sua família demonstra o quão falaciosa é essa ideia de que querer é poder. Apesar de sempre trabalhar duro, Willy nunca atinge suas ambições. Já com idade avançada, é dispensado pelo homem que viu crescer e que agora é seu chefe, filho do seu antigo chefe. Assim, a peça explicita as relações injustas entre os donos dos meios de produção e os seus funcionários, entre aqueles que controlam os meios de produção e de distribuição das mercadorias e aqueles que vendem sua força de trabalho em troca de um baixo salário para garantir sua subsistência.

Podemos, portanto, concluir que o objetivo geral foi alcançado, na medida em que a hipótese de trabalho se confirma com a leitura crítico-teórica da peça, mostrando que o conceito de sonho americano não pode ser experienciado por todos e que a dinâmica da reificação é prejudicial para toda uma sociedade. Isto porque desumaniza o indivíduo e o caracteriza como uma coisa, como vimos no decorrer de toda a análise da peça. Desse modo, o que sobressai nela não são as relações afetivas entre pessoas, mas sim as relações entre coisas. A peça recria aspectos da lógica capitalista, na qual há a prevalência de um mundo de mercadorias, onde o trabalhador vende sua força de trabalho (mercadoria) e é obrigado a comprar produtos (mercadoria) para garantir sua subsistência e viver o consumismo, que é

inteiramente pautado na alienação e no fetichismo da mercadoria. Além de afetar, limitar e reprimir, como expõe a obra.

Nesse sentido, também podemos afirmar que os objetivos específicos do trabalho foram atingidos, ao definirmos o conceito de reificação; ao discutirmos o consumismo, o desejo e a construção do *êthos* do sonho americano; ao introduzirmos uma breve contextualização acerca da vida e obra do dramaturgo Arthur Miller; e ao analisarmos a peça *A morte de um caixeiro viajante*, destacando os processos de reificação, de consumismo e o *êthos* do sonho americano na trama da obra.

Sendo assim, as inquietações que nos levaram a optar pelo *corpus* deste trabalho foram todas cessadas, dado que conseguimos elucidar como está representado na peça ora em análise o sistema capitalista. Vimos que se trata de um sistema que se constitui para beneficiar a classe dominante, a qual detém o poder de influenciar a sociedade, fazendo com que a classe trabalhadora seja completamente alienada de seus próprios processos de trabalho. Além do que, a desigualdade que estrutura nossa sociedade forja-se justamente pela desigualdade de classes; pela exploração da mão de obra; e pelas condições precárias de trabalho como consequência de um sistema que alimenta contradições.

O motivo pelo qual selecionamos o *corpus* deste trabalho foi o debate sobre o capitalismo que ele propõe. Ou seja, vimos a importância da análise da obra considerando o atual contexto capitalista em que estamos inseridos, uma crise econômica renitente e a subida alarmante das desigualdades sociais em todo o mundo. Para realizar esta análise, selecionamos como referencial teórico a crítica literária marxista, que enfoca, pelo menos em parte, a arte como um reflexo da ideologia da classe dominante. Sabemos, porém, que a ideologia das classes dominadas também se desenvolveu e, por sua vez, está na base de inúmeras obras artísticas, de forma explícita ou não. É nesse sentido que Arthur Miller passa a sofrer perseguições, como vimos neste trabalho.

Com a análise da obra nessa perspectiva, conseguimos desenvolver uma discussão acerca dos malefícios do capitalismo, em especial das condições que produzem a reificação e o *ethôs* de sonho americano. Desse modo, destacamos a relevância do caminho teórico-metodológico que escolhemos para a compreensão dos sentidos, principalmente ideológicos, presentes na obra *A morte de um caixeiro-viajante*.

Dito isso, terminamos ponderando que, ainda que a peça tenha sido escrita no ano de 1949, o tema nela abordado não poderia ser mais atual, haja vista as desigualdades sociais vividas em todo o mundo e a hipervalorização do dinheiro e do *status*, que é tudo aquilo que o sonho americano vende. O primeiro passo para mudarmos essa realidade na qual estamos

inseridos é o acesso à informação por meio de livros, estudos, reflexões, e debates, para assim tomarmos consciência de classe e fazermos uma verdadeira revolução.

REFERÊNCIAS

ARMITAGE, David. **Declaração de independência**: uma história global. Tradução de Angela Pessoa. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BOTTOMORE, Tom (editor); HARRIS, Laurence; KIERNAN, V. G.; MILIBAND, Ralph (coeditores). **Dicionário do pensamento marxista**. Tradução Waltensir Dutra, organizador da edição brasileira Antonio Moreira Guimarães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

CARVALHO, Marcio Mamede Bastos de. Manipulação das preferências de consumo : alienação humana e degradação ambiental nos caminhos de um modelo social insustentável. **Revista de Direito, Globalização Responsabilidade nas Relações de Consumo**. Minas Gerais, v., 1, n. 2, p. 167-190, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://www.indexlaw.org/index.php/revistadgrc/article/view/91>. Acesso em: 13 jan. 2022.

DIAS, Daise Lílian Fonseca. O fracasso do sonho americano em *A morte do caixeiro viajante* de Arthur Miller. **Vivência**. n. 34, p. 113-118. 2008. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Ingles/artigos/daisedias.pdf. Acesso em: 02 fev. 2022.

EAGLETON, Terry. **Ideologia**: uma introdução. Tradução de Silvana Vieira e Luís Carlos Borges. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista/Editora Boitempo, 1997.

EAGLETON, Terry. **Marxismo e crítica literária**. Tradução de Matheus Corrêa. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

FIGUEIREDO, Antônio Macena. (2008). Ética: origens e distinção da moral. **Saúde Ética & Justiça**, v. 13, n. 1, p. 1-9. <https://doi.org/10.11606/issn.2317-2770.v13i1p1-9>.

FRIAS FILHO, Otavio. A consciência crítica do sonho americano. *In*: MILLER, Arthur. **A morte de um caixeiro-viajante e outras 4 peças**. Tradução de José Rubens Siqueira. Prefácio de Otavio Frias Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 7-12.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do espírito**. Tradução de Paulo Meneses, colaboração de Karl-Heinz Effen e José Nogueira Machado. 2. ed. Edição revista. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003.

JAPPE, Anselm. Alienação, reificação e fetichismo da mercadoria. **Limiar**, v. 1, n. 2, p. 4-29, 2014. DOI: [10.34024/limiar.2014.v1.9275](https://doi.org/10.34024/limiar.2014.v1.9275).

LIMA REIS, Eliana Lourenço de. (2001). O que restou do “sonho americano”? **Cadernos de tradução**. v. 1, n. 7, p. 127-145. <https://doi.org/10.5007/0%25x>.

LIPPMANN, Walter. **The phantom public**. With a new introduction by Wilfred M. McClay. New Brunswick, New Jersey: Transaction Publishers, 1993.

LUKÁCS, György. **História e consciência de classe**: estudos sobre a dialética marxista. Tradução de Rodney Nascimento. Revisão da tradução de Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Sobre literatura e arte**. Tradução de Olinto Beckerman. São Paulo: Global Editora, 1979.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Tradução de Luis Claudio de Castro e Costa. Introdução de Jacob Gorender. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução, apresentação e notas de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MARX, Karl. **O capital** [recurso eletrônico]: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MILLER, Arthur. **Death of a salesman**: certain private conversations in two acts and a requiem. Introduction by Christopher Bigsby. United States: Penguin Books, 1998.
- MILLER, Arthur. **A morte de um caixeiro-viajante e outras 4 peças**. Tradução de José Rubens Siqueira. Prefácio de Otavio Frias Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- PENTEADO, Marina Pereira. **O sonho americano no fim dos tempos**: crise da utopia e o romance da década de 1990. Tese (Doutorado em Literatura Comparada). Programa de Pós-graduação em Estudos de Literatura, Universidade Federal Fluminense – UFF. Niterói, RJ, p. 191. 2018.
- PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2.ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- PROPELAARS, Antonius Gerardus Maria. **O drama social, o herói trágico e o “sonho americano” em A morte de um caixeiro-viajante de Arthur Miller**. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-graduação em Letras – PPGL, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, p. 148. 2015.
- REQUIEM for the American Dream. Direção: Peter D. Hutchison; Kelly Nyks e Jared P. Scott. Produção: Peter D. Hutchison; Kelly Nyks e Jared P. Scott. [S.l.]: [s.n.]. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JxaDwKj7wek&t=3420s> . Acesso em: 12 jan. 2022.
- SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico**: corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- SILVA, R. C. B. da. (2006). Esquizofrenia: uma revisão. **Psicologia USP**, v. 17, n. 4, p. 263-285. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642006000400014>.